

---

AUTOR:

José Augusto Santos <sup>1</sup>

<sup>1</sup> CIFI<sup>2</sup>D, Faculdade de Desporto  
Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.11.01.153>

---

## Do Ágon biológico ao desporto simbólico com a muleta hermenêutica de António Costa

10

Discurso proferido na cerimónia de Jubilação do Doutor António Costa,  
Professor Catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

---

Quando o Rui Garcia me convidou para falar sobre António Costa, numa visão de fora da sociologia, de imediato o meu ego inchou como um sapo fumador, mas rapidamente me dei conta do risco de, tal como o simpático *bufo crucifer*, rebentar do esforço. Não é fácil falar de um sociólogo sem o enquadrar naquele que é o seu múnus profissional e intelectual; tal desiderato é difícil, senão impossível, para quem está de fora como eu estou. Mas como sou atrevido, vou tentar entregar a carta a Garcia e, sem cultos de personalidade redundantes, dizer quem foi e quem é António Costa.

Quem foi António Costa?

Em determinado momento do nosso percurso como escola em esforço titânico de afirmação universitária apareceu-nos, como *compagnon de route*, um homem barbudo, de reduzida dimensão física, fumador inveterado de cachimbo, voz tonitruante de púlpito, em tudo a antítese do *homo sportivus* que tentávamos eleger como referência axiológica.

Desconfiei dele de imediato, e muito mais quando fui informado das suas apetências eclesíásticas, da sua dimensão de homem religioso, estigma redutor para o ser que eu era na altura.

Este homem, chegado das frias terras onde o céu nos toca o cocuruto, o que teria para nos dizer? Que mensagem especial nos traria, de Lovaina, António Costa?

Os meus primeiros contactos com António Costa não foram fáceis, pois *ab initio* me recusei a validar o desporto para lá da (agora sei-o) minguada expressão biológica. Para mim, a expressão agonística cultural consubstanciada no desporto era uma deriva da competição biológica, causa e sentido da evolução filogenética da espécie humana. António Costa

meteu ruído no sistema de certezas que eu possuía ao acrescentar uma nova dimensão – a simbólica, na arena da luta genésica. Esta dimensão simbólica recusei-a de imediato, porque erroneamente a entendi como dogma, o que em princípio entrava em choque com a telúrica sensibilidade de quem vivia enlevado no seu doce ateísmo. Não sabia que estava enganado e perseverei na ignorância, por algum tempo mais.

Mas comecemos pela minha localização ideológica. Nos idos do PREC aportei, curioso e obediente, ao marxismo que emergia, temporariamente triunfante, das catacumbas do anonimato noológico imposto pelo Estado Novo. Dele bebi sequioso a ordem das coisas, tal como a certeza de um sentido salvífico para a história dos homens. Logro filosófico que me faria cair em tantas contradições. Em relação ao desporto, via-o como construção humana, unicamente condicionado pelo grau de desenvolvimento das forças sociais de produção material. Esta visão redutora, alicerçada nas leituras sociológicas iniciáticas, indelevelmente marcadas pela vulgata marxista, sofreu tratos de polé com a abertura para cima e para o lado que a hermenêutica desportiva perfilhada por António Costa me propunha. Eu queria um desporto científico, metrificável, redutível ao corpo que o realiza. Recusava um desporto fragmentado mas não o abria a outras dimensões que não fossem as biológico-político-ideológicas. O meu materialismo agnóstico e fervorosa arreligiosidade eram incompatíveis com derivas transcendentais. Mal eu sabia o quanto de transcendente, religioso e sagrado existe no universo do desporto. Só lá cheguei mais tarde com a ajuda de António Costa, mal ele o sabe, que me obrigou a olhar para dentro de mim e me levou a formular a pergunta crucial:

— O que procuras com a tua prática desportiva?

No esforço da resposta encontrei a transcendência ontológica, muito mais importante que a simples coragem física que o acto desportivo consagra. Encontrei a dimensão sagrada do esforço desportivo, encontrei o sentido de religiosidade da competição desportiva, que andava perdida nos arroubos de um materialismo inconsequente.

António Costa trouxe-me, trouxe-nos, o sentido transcendental da prática desportiva. Desvendou-nos as latências que subjazem ao fazer desporto, elevando o corpo encharcado de suor e sofrido em dor, aos cumes inefáveis da acção simbólica. Desporto como liturgia e sacralização do corpo. António Costa mostrou-me, mostrou-nos, que nenhuma acção humana é inócua ou isenta de valores e significações. António Costa, profundo conhecedor do desporto como “filho terrível do século XX”, não cede às lamas ctónias que o salpicam com os mais rasteiros interesses, e assume-se como arauto de um desporto pleno de significados de elevação ontológica. António Costa sabe que também no desporto existe um manto diáfano de fantasia a esconder a nudez forte da verdade, mas não soçobra em lamúrias de desistência. Elege uma finalidade última para o desporto – a procura de símbolos e significados para a existência.

Sabendo-o cristão e profundamente religioso, nunca senti em António Costa, o menor assomo de proselitismo doutrinário. Aí foi grande, aí foi imenso, e, do alto ou baixo do meu céptico ateísmo, eu lhe agradeço, pois deu-me uma nova dimensão religiosa do homem que perdura para lá do dogma. A partir de António Costa o desporto, embora preso às suas raízes telúricas, elevou-se como transcendência do humano, a partir do humano.

O desporto ganha asas de sonho e mito através de António Costa. Depois de ter recebido de Jorge Bento o desporto como educação e axiologia, recebi de António Costa o desporto como expressão simbólica, prenhe de significações ontológicas. Através dele vislumbro um mundo de fábula, sonho e imaginação criadora que eu julgava perdido nas memórias da infância. Redescubro o desporto como fonte de prodígios, milagres, mitos e deslumbramentos e, através deles, vislumbro um mundo de profundos significados que são os cimentos mais estruturantes do nosso viver colectivo.

Mas, se as resistências ao António Costa como pedagogo e homem de cultura humanista foram rapidamente ultrapassadas, as resistências ao homem de ciência só se desvaneceram aquando da feitura das suas provas de agregação. Que magnífica lição de ciência e cultura sociológica.

Tentando perscrutar as condições estruturais que permitem a emergência da significação simbólica no universo do desporto António Costa, recorrendo ao modelo actancial de Greimas, organizado a partir de narrações de tipo mítico mas enriquecendo-o com o aporte mais sociológico de Hiernaux, criou um instrumento heurístico eficaz na perscrutação reflexiva do fenómeno desportivo. Este foi o ponto de partida por ele encetado para estabelecer um modelo de percepção global do desporto, recusando interpretações redutoras e mutilantes de um fenómeno múltiplo, uno e indivisível. O nosso professor estava ciente do ciclópico da tarefa. Ele sabia que o paradigma integrativo que preconizava funcionava mais como tensão realizadora que como realização absoluta. Como resolveu ele o problema? Partiu de alguns truísmos gnosiológicos. É impossível reduzir o homem à ciência. É impossível reduzir o homem ao seu corpo. É impossível reduzir o homem, por isso consideremo-lo como totalidade, pois não temos outro jeito de lidar com ele. Só que a totalidade é uma impossibilidade e só pode e deve funcionar como tensão heurística. Por isso desbravemos os caminhos de uma nova percepção do *homo sportivus* que juramos elevar.

O estatuto actancial dos actores desportivos, retirado a papel químico dos contos e narrativas míticas, encontrou na matriz integradora preconizada por António Costa um campo fértil de afirmação. Eis o campeão elevado à condição de mito. Eis os novos arautos, hoje potenciados por tecnologias facilitadoras, a levar as novas dos feitos gloriosos a todos os cantos do Império. Eis a cidade a abrir portas porque se sente segura com os seus campeões. Eis a pugna desportiva como fonte de significação social.

Vemos agora o desporto, a transmutar a violência genésica em violência simbólica, mantendo a mesma força geradora de identificação das lutas primordiais.

Mas António Costa vai mais longe. A partir do modelo actancial descobre uma nova ordem das coisas, em que o desporto se manifesta como organizador do imaginário humano, e numa dinâmica relacional em movimento circular (eu diria espiral) abre para cima as fronteiras desse imaginário.

António Costa permite-nos reinventar os mitos genésicos da cultura ocidental. No campo mítico hodierno, descoberto, diria melhor, destapado por António Costa, ressurgem os factores de conciliação e confronto, a opção axiológica, a luta do bem e do mal.

António Costa suportado pelo modelo accional-actancial proposto por Greimas e Hierarchy, cria um quadro dialéctico que exprime a essencialidade da pugna desportiva e das múltiplas forças que a constituem ou que com ela se entrecruzam. A partir de vários planos de intervenção define uma série de categorias dialécticas, das quais, em cada plano, dou um único exemplo, exemplo esse que melhor toca a minha sensibilidade de guerreiro.

António Costa coloca em diálogo (por isso a sua dialéctica é mais dialógica que conflitual):

No plano do espaço: Espaço de luta – Espaço pacificado

No plano do tempo: Tempo mágico – Tempo sem significação

No plano dos actores: Artistas, génios – Seres comuns, frágeis, tímidos

No plano das acções: Ataque – Abandono da luta

No plano dos objectivos: Exaltação – Queda

António Costa desvenda-nos a oposição, o conflito, categorias essenciais da pugna desportiva, como fontes de significação, como dados estruturantes e permanentes da vida dos grupos e instituições. *The order from noise*. O caos genésico gerador de ordem social, reinventado e ritualizado em todas as construções humanas, com particular ênfase no desporto que, repleto de conflitos e contradições, permite brechas criadoras que fazem emergir valores essenciais libertos da força do contingente abrindo-se à força radicalmente transformadora do transcendente. Uma nova hermenêutica desportiva da sociedade, promotora de novos mitos, mais telúricos que os mitos genésicos, mas de igual forma promotores de transcendência, eis a proposta hermenêutica fundamental que nos propõe António Costa.

Tal como a religião e a política, o desporto representa simbolicamente a sociedade, fazendo emergir os símbolos como reveladores da unidade do real. António Costa perscruta a realidade desportiva a partir do simbólico; a sua tarefa hermenêutica tem o mito como intermediário, como elemento estruturante. A partir deste cientista sociológico vemos o desporto com olhos senão novos, pelo menos renovados. Ele diz-nos que o importante não é descrever a realidade, mas descobrir nela o que tem sentido para nós. É assim, com a sua muleta hermenêutica chegamos a um desporto como campo privilegiado de significações, com os seus rituais de iniciação e ciclos de provação, que tanto podem conduzir à exaltação e glória, como à desistência e morte, mas tudo como expressões simbólicas dum viver colectivo.

Termino com a segunda pergunta:

— Quem é hoje para nós António Costa?

É o companheiro que nos ajudou na hercúlea tarefa de erguer a escola que somos hoje. Ele não parte porque, ao contrário de outros, deixa-nos uma herança que permanecerá indelével como marco do que melhor construímos. António Costa deixa-nos como legado a expressão duma simbólica desportiva como força criativa e de renovação social. É importante que a sua lição perdure. Todos os dias nos chegam amontoados de dados do universo do desporto. Podemos recorrer à ciência para inteligir a maior parte desses dados, mas o essencial do que eles escondem não é desvendado pelos instrumentos científicos mas sim por inteligências filosoficamente argutas como a de António Costa. Lembremo-nos que a filosofia é o último reduto da reflexão nesta sociedade robotizada.

Um conselho me permito dar-lhe Professor. Não acredite que existem limites para a racionalidade hermenêutica. Quando os espíritos indagadores estão tão bem formados e culturalmente recheados como o seu, a tarefa hermenêutica está facilitada e pode, a partir do desporto, vislumbrar uma utopia que funcione como pulsão no imaginário social dum viver colectivo que não pode nem quer prescindir dos mitos.

Obrigado Professor António Costa!